

DIAGNÓSTICO TARDIO DO AUTISMO E TRATAMENTOS NA VIDA ADULTA

ALINE BARCELLOS DA SILVA,
Aluna Especial do Curso de Pós-Graduação em Cognição
e Linguagem-UENF,
Pedagoga- Universidade Estácio de Sá,
Psicopedagoga Clínica e Institucional-Faculdade Prominas,
Pós-Graduada em Transtorno do Espectro Autista-
FAEESP e Graduanda em Psicologia- Instituto Superior
de Ensino do Censa.
E-mail: alinebarcellosdasilva@gmail.com

CRISÓSTOMO LIMA DO NASCIMENTO,
Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em
Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro
E-mail: crisostomoln@gmail.com

Resumo – O presente artigo tem como objetivo investigar as causas do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em adultos e identificar os tratamentos indicados para essa população. A proposta central da pesquisa é contribuir para que as pessoas possam reconhecer sinais compatíveis com o autismo e buscar apoio profissional adequado. O autismo caracteriza-se como um transtorno do neurodesenvolvimento que envolve prejuízos na comunicação social e padrões restritos de comportamento, podendo incluir comprometimentos intelectuais e linguísticos. Este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica composta por livros, artigos científicos, manual clínico, sites especializados, revista online e blog. Os resultados indicam que a dificuldade em estabelecer o diagnóstico de TEA na vida adulta relaciona-se à falta de capacitação profissional, à baixa utilização de instrumentos diagnósticos validados, ao histórico de vida fragmentado ou mal interpretado, bem como à camuflagem social, ao estigma e à resistência ao diagnóstico.

Palavras-chave: autismo, diagnóstico, adulto

Abstract – This article aims to investigate the causes of late diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) in adults and to identify the treatments indicated for this population. The central proposal of the research is to contribute to enabling people to recognize signs compatible with autism and seek appropriate professional support. Autism is characterized as a neurodevelopmental disorder involving impairments in social communication and restricted patterns of behavior, which may include intellectual and linguistic impairments. This study was developed through a literature review composed of books, scientific articles, clinical manuals, specialized websites, online journals, and blogs. The results indicate that the difficulty in establishing an ASD diagnosis in women is related to a lack of professional training, low use of validated diagnostic instruments, fragmented or misinterpreted life history, as well as social camouflage, stigma, and resistance to diagnosis.

Keywords: autism, diagnosis, adult

1. Introdução

O presente trabalho trata das causas do diagnóstico tardio do autismo na vida adulta e dos tratamentos indicados para esses indivíduos, considerando que essa dificuldade em obter o diagnóstico ocorre, muitas vezes, pela falta de informação sobre o assunto. Ainda que tardio, o diagnóstico, aliado às terapias adequadas, torna-se fundamental para o autoconhecimento, o acolhimento subjetivo e o desenvolvimento de maior autonomia por parte do adulto autista.

Nesse contexto, este estudo possui como objetivo principal investigar os fatores que contribuem para o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em adultos e identificar as intervenções terapêuticas recomendadas. Além disso, contempla objetivos específicos que aprofundam a compreensão do fenômeno: conhecer a história, a evolução e os principais conceitos relacionados ao autismo, incluindo mudanças nos critérios diagnósticos ao longo do tempo; analisar os fatores que dificultam o diagnóstico em adultos, como a falta de capacitação profissional, a camuflagem social, o histórico de vida fragmentado, o estigma social e a baixa utilização de ferramentas diagnósticas validadas; descrever os sinais e características do TEA que podem permanecer sutis ou mascarados até a vida adulta; identificar intervenções clínicas multidisciplinares indicadas para essa população; e contribuir para a conscientização sobre o autismo adulto, incentivando a identificação precoce, o acesso a serviços especializados e a redução do estigma.

É importante destacar que o autismo é definido como um espectro justamente por abranger uma ampla diversidade de manifestações comportamentais e comunicativas. Há indivíduos com fala fluente e vocabulário amplo, enquanto outros são não verbais; em alguns, apresentam alta autonomia funcional, ao passo que outros necessitam de suporte intensivo para realizar atividades básicas. Essa heterogeneidade é reconhecida pelos níveis de suporte propostos pelo DSM-5-TR (1, 2 e 3), que indicam o grau de auxílio necessário no cotidiano e ajudam a compreender as múltiplas formas de expressão do TEA.

Essas diferenças individuais afetam diretamente o processo diagnóstico, especialmente na fase adulta. Adultos classificados no nível 1 de suporte geralmente apresentam dificuldades para interações sociais, comportamento inflexível, problemas de organização e planejamento. No nível de suporte 2, os sintomas moderados estão relacionados a déficits mais severos na comunicação, demonstrando respostas atípicas ou reduzidas nas interações sociais, interesses limitados, comunicação não verbal mais acentuada, resistência à mudança, dificuldade para mudar o foco, ações rotineiras e inflexibilidade de conduta. Já no nível 3, observa-se que os sintomas são compostos por déficits graves de comunicação verbal ou não verbal, resposta mínima a aberturas sociais, apresentando grande sofrimento ao mudar o foco, tendo como comportamento repetitivo e rígido. A forma como esses níveis se manifestam em cada indivíduo contribui para trajetórias muito distintas ao longo da vida.

Compreender a diversidade de perfis que compõem o espectro é, portanto, fundamental para contextualizar os desafios enfrentados na identificação do TEA na vida adulta e justificar a relevância desta pesquisa. Ao analisar os fatores que contribuem para o diagnóstico tardio e as possibilidades de intervenção, busca-se oferecer subsídios teóricos e práticos que ampliem o entendimento sobre o autismo em suas múltiplas nuances e contribuam para a construção de trajetórias mais acolhedoras, inclusivas e informadas para a população autista adulta.

2. História e evolução do conceito de autismo

O termo “autismo” origina-se do grego “autós”, que significa “voltar-se para si mesmo”. Esse termo foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler no ano de 1911, para referenciar a um dos quatro critérios que eram utilizados como parâmetro para a realização do diagnóstico de esquizofrenia.

Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner publicou a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, onde descreveu 11 casos de crianças com “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação das mesmices”. Ele usou o termo “autismo infantil precoce”, pois os sintomas já eram evidentes na primeira infância.

Já em 1944, Hans Asperger escreveu o artigo “A psicopatia autista na infância”, destacando a ocorrência preferencial em meninos, que apresentam falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, conversação unilateral, foco intenso e movimentos descoordenados.

No ano de 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, DSM-1. Retratando os diversos sintomas de autismo, os quais foram classificados como um subgrupo da esquizofrenia infantil, não sendo entendido como uma condição específica e separada.

Durante os anos 50, ocorreram discussões sobre a natureza do autismo, onde a crença mais comum era de que o distúrbio seria causado por pais emocionalmente distantes, onde foi criada por Leo Kanner a hipótese da “mãe geladeira”. Entretanto, nos anos 60, crescem as evidências sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância, encontrado em todos os países, grupos socioeconômicos e étnico-raciais. E então, Leo Kanner tentou retratar e, mais tarde, a teoria mostrou-se totalmente infundada.

Em 1978, o psiquiatra Michael Rutter classifica o autismo como um distúrbio do desenvolvimento cognitivo, criando um marco na compreensão do transtorno. Ele propõe uma definição com base em quatro critérios: atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; problemas de comunicação não só em função de deficiência intelectual associada; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e início antes dos 30 meses de idade. Devido a essa definição inovadora de Michael Rutter e à crescente produção de pesquisas científicas sobre o autismo, influenciaram a elaboração do *DSM-3 em 1980*. Onde o autismo foi reconhecido pela primeira vez como uma condição específica e colocado em uma nova classe, a dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID).

3. Diagnóstico tardio de TEA na vida adulta

De acordo com o DSM-5-TR, o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits persistentes na comunicação social e interação social em vários contextos, déficits em comportamentos comunicativos não verbais, déficits no desenvolvimento, manutenção e compreensão de relacionamentos, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Os sintomas devem estar presentes no período inicial do desenvolvimento, mas podem não se manifestar completamente. Por isso, é necessário que a família fique atenta ao processo de desenvolvimento da criança. Para que assim, este indivíduo não chegue até a fase adulta sem receber o devido diagnóstico.

Em 1981, a psiquiatra Lorna Wing desenvolveu o conceito de autismo como um espectro e cunha o termo Síndrome de Asperger, em referência a Hans Asperger. Seu trabalho revolucionou a forma como o autismo era considerado, e sua influência foi sentida em todo o mundo.

No ano de 1994, novos critérios para o autismo foram avaliados em um estudo internacional multicêntrico, com mais de mil casos analisados por mais de 100 avaliadores clínicos. Para evitar confusão entre pesquisadores e clínicos, a Síndrome de Asperger é adicionada ao *DSM*, ampliando o espectro do autismo, que passa a incluir casos mais leves, em que os indivíduos tendem a ser mais funcionais.

Com o passar do tempo, no ano de 2013, o *DSM-5* passa a abrigar todas as subcategorias do autismo em um único diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Onde os indivíduos são diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. Sendo a Síndrome de Asperger não mais considerada uma condição separada, ou seja, o diagnóstico para autismo passa a ser definido por dois critérios: as deficiências sociais e de comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.

Acompanhando estas mudanças, a nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID 11, em 2022, segue o que foi proposto no *DSM-V*, passa a adotar a nomenclatura Transtorno do Espectro do Autismo para englobar todos os diagnósticos anteriormente classificados como Transtorno Global do Desenvolvimento.

Entretanto, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) lançou, no dia 18 de março de 2022, o *DSM-5-TR (REVISADO)*, uma versão atualizada e revisada do *DSM-5*, de 2013. No campo do autismo, houve apenas uma mudança em relação ao manual original: agora, para se encaixar num quadro de autismo, os autistas precisam se encaixar em todas as características do domínio de dificuldade de comunicação social.

O interesse pelo tema desta pesquisa se deu devido à minha atuação profissional enquanto psicopedagoga clínica e institucional, pós-graduada em autismo e graduanda do curso de psicologia. Durante minha trajetória de atendimento, pude perceber a crescente demanda de adultos que buscam compreender características, dificuldades e padrões que sempre estiveram presentes em suas vidas, mas que nunca haviam sido nomeados como parte do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Muitos desses sujeitos são marcados por esforço contínuo para se adaptar socialmente, desenvolver estratégias compensatórias e “camuflar” comportamentos próprios do espectro, onde esse processo é conhecido como camuflagem.

A camuflagem social é um conjunto de estratégias usadas para que as pessoas consigam estar enquadradas socialmente, tendo como objetivo melhor aceitação em seu contexto. As camuflagens sociais podem ser inseridas de diferentes formas, como mascaramento comportamental, imitação, adaptação e compensação. O mascaramento refere-se a regular tais comportamentos sociais para minimizar os sintomas apresentados no TEA. A imitação está relacionada com a modificação e adoção de novos comportamentos de pares neurotípicos, como os gestos e expressões faciais. Já a adaptação inclui comportamentos que ajudam a acomodar diferenças sociais sem alterá-las. E as estratégias de compensação exigem um esforço mais complexo, tendo uma cognição social bem-sucedida, mesmo enfrentando os desafios internos.

Embora a camuflagem permita uma interação social dentro do mundo, é importante reconhecer que todo esse esforço pode gerar impactos sociais como exaustão, alto custo emocional e mental, indo desde uma piora na qualidade de vida até mesmo pondo em risco a vida. Portanto, compreender a camuflagem social e compensação é essencial para a contribuição do diagnóstico e do processo terapêutico. Visto que qualquer indivíduo da sociedade, seja ele reconhecido ou não, pode ser identificado e diagnosticado tardiamente com TEA.

Alguns dos exemplos retratados em nossa sociedade brasileira são de artistas identificados como a atriz Letícia Sabatella e o apresentador Danilo Gentili. Letícia Sabatella foi diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista de nível leve aos 52 anos de idade. No relato com a entrevista ao Fantástico na TV Globo, ela conta que chega a se sentir mal fisicamente em algumas situações, diante da hipersensibilidade, como por exemplo a barulho, que é um dos sintomas típicos para algumas pessoas no espectro. Ela falou que receber o diagnóstico mesmo após os 50 anos foi um alívio, como uma sensação libertadora, onde para ela, durante esse processo, vem buscando uma melhor compreensão no assunto, sem desespero. Já o apresentador Danilo Gentili retratou no ano de 2023, durante o seu programa “The Noite”, no SBT, que foi diagnosticado com autismo no ano anterior. Durante a ocasião, relatou que foi diagnosticado, mas não fez exames para avaliar a gravidade de sua condição. E disse: “Se eu sou autista, não quero saber, já sou assim e já era. Sendo assim, mesmo após o recebimento do diagnóstico, ambos seguiram sua vida e seu cotidiano diário, incluindo seus afazeres e trabalhos artísticos nos quais vivenciam em sua realidade.

Essa pesquisa foi dividida em seções que retratam a história e evolução do conceito de autismo, o diagnóstico tardio na vida adulta, a metodologia, fundamentação teórica sob a perspectiva e contribuições de autores, como Bell Hooks, Zygmunt Bauman e Martin Heidegger. Para finalizar, apresento a análise de dados e conclusão sobre a pesquisa.

4. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e bibliográfica, desenvolvida por meio de uma revisão da literatura por conveniência. A investigação buscou reunir e analisar criticamente produções científicas e informativas que abordam o Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco específico no diagnóstico tardio na vida adulta e nas estratégias de intervenção voltadas a essa população. Para isso, foram utilizados descritores como *autismo*, *diagnóstico tardio*, *autismo em adultos*, *tratamento para adultos*, possibilitando o refinamento das buscas.

As fontes selecionadas foram obtidas, principalmente, no Google Acadêmico, complementadas por consultas a portais de notícias, blogs especializados, revistas online, manuais clínicos e sites institucionais. Ao todo, a revisão contemplou nove artigos científicos, que contribuíram com análises empíricas e teóricas sobre diagnóstico tardio, saúde mental, desafios clínicos e impacto psicossocial do TEA adulto. Também foram incorporados sete livros, sendo três obras acessadas em formato digital (PDF) e quatro em formato físico, que forneceram embasamento sobre desenvolvimento humano, história do autismo, neurociência, filosofia e sociologia, garantindo profundidade conceitual à discussão.

Além dos artigos e livros, a pesquisa incluiu um portal de notícias, especificamente a matéria divulgada pela Agência IBGE Notícias, que apresentou dados atualizados do Censo de 2022 sobre a prevalência do autismo no Brasil. Esse conteúdo foi fundamental para contextualizar numericamente a realidade nacional e evidenciar lacunas na identificação diagnóstica de adultos. Também foram incorporados conteúdos provenientes de um blog especializado, Autismo em Dia, que trouxe reflexões e informações aplicadas sobre arteterapia e práticas de cuidado no TEA, e de uma revista online, a IstoÉ, cuja reportagem apresentou exemplos de autistas diagnosticados tardiamente, contribuindo para a discussão dos aspectos sociais e da visibilidade do tema.

Complementarmente, foram analisados conteúdos provenientes de dois sites especializados, Psitto e Onda Autismos, que trouxeram informações práticas sobre diagnóstico, comportamento, intervenção e camuflagem social. Por fim, a revisão incluiu um manual clínico, o DSM-5-TR, documento essencial para o entendimento das diretrizes contemporâneas que orientam o diagnóstico do TEA e suas atualizações conceituais.

A opção por reunir referências de naturezas diversas permitiu integrar perspectivas clínicas, teóricas, sociais e vivenciais, ampliando o alcance da análise. Essa abordagem favoreceu a identificação de fatores que dificultam o diagnóstico tardio, destacou estratégias terapêuticas específicas para adultos e evidenciou lacunas científicas ainda existentes na literatura sobre o TEA ao longo da vida. Assim, a metodologia adotada buscou não apenas organizar o conhecimento existente, mas também oferecer uma interpretação crítica e interdisciplinar capaz de iluminar caminhos para futuras pesquisas e práticas profissionais voltadas ao público adulto no espectro autista.

5. Fundamentação Teórica

5.1 Autismo e Modernidade Líquida em Zygmunt Bauman

Segundo Zygmunt Bauman, a “modernidade líquida” se caracteriza por uma sociedade moderna marcada pela fluidez, pela transitoriedade e pela ausência de solidez nas relações sociais, econômicas e políticas. Essa liquidez traduz a ideia de que, em períodos anteriores da história, onde os laços eram mais duradouros e as instituições ofereciam maior estabilidade, o mundo contemporâneo apresenta um cenário em que tudo se transforma rapidamente. Sejam em valores, vínculos, carreiras e até mesmo identidades, sejam flexíveis, efêmeros e sujeitos a constantes mudanças, dificultando a criação de referenciais sólidos para orientar a vida individual e coletiva.

É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um "projeto de vida" individual. (Tempos Líquidos- Zygmunt Bauman)

A instabilidade das estruturas sociais na modernidade líquida reflete diretamente a rapidez com que as mudanças ocorrem hoje, impedindo a construção de trajetórias sólidas. Essa inviabilidade de estruturar projetos de vida em um contexto instável possui implicações profundas quando relacionada ao autismo. Pessoas autistas, em geral, apresentam uma maior necessidade de previsibilidade e constância. A valorização de rotina, de estrutura clara e de continuidade não é apenas uma preferência, mas um recurso fundamental para organizar as experiências sensoriais, sociais e emocionais. Quando essa previsibilidade é rompida, surge um impacto significativo na qualidade de vida, uma vez que o indivíduo se vê forçado a lidar com um ambiente que não corresponde às suas necessidades de organização e estabilidade. Entretanto, como pontua Bauman, o mundo contemporâneo raramente oferece formas sólidas, e isso acentua as dificuldades enfrentadas pelas pessoas autistas.

Se para uma pessoa considerada típica já é difícil manter planos consistentes em tempos líquidos, para uma pessoa atípica, que pode necessitar de mais tempo, apoio e adaptação, a situação se torna ainda mais complexa. O tempo exigido para consolidar uma carreira, desenvolver vínculos afetivos ou compreender as regras sociais tende a ser maior para indivíduos autistas, o que contrasta com a velocidade com que as estruturas sociais se transformam e se desfazem.

Mudanças rápidas, rotinas instáveis e incertezas constantes podem ser especialmente desafiadoras para pessoas com Transtorno do Espectro Autista. O autismo manifesta-se, em parte, pela dificuldade em lidar com mudanças repentinas, sobretudo em áreas como comunicação, interação social e adaptação a novos ambientes. Em uma sociedade que exige flexibilidade imediata e disposição para constantes recomeços, essa característica se torna um fator de vulnerabilidade. A instabilidade contemporânea pode desencadear altos níveis de estresse, ansiedade e sobrecarga sensorial em indivíduos autistas, comprometendo não apenas o bem-estar imediato, mas também as possibilidades de inclusão social e profissional. Por isso, pensar a relação entre a modernidade líquida e o autismo não significa apenas compreender um contraste teórico, mas reconhecer a urgência de construir práticas sociais, educacionais e políticas que ofereçam maior previsibilidade, suporte e estabilidade.

A relação entre modernidade líquida e autismo também se evidencia na prática cotidiana. Pessoas autistas, que dependem de previsibilidade, rotina e estabilidade para organizar suas experiências, enfrentam maior desgaste em uma sociedade marcada por mudanças rápidas, exigências de flexibilidade e rupturas constantes. Situações como alterações inesperadas no ambiente de trabalho, mudanças bruscas de rotina, variações sensoriais e demandas sociais imprevisíveis podem gerar sobrecarga emocional e ansiedade. Assim, compreender essas dinâmicas no contexto da modernidade líquida permite reconhecer a necessidade de ambientes mais estruturados, comunicação clara, tempo adequado para adaptação e práticas sociais que valorizem estabilidade, respeito e acessibilidade às particularidades autistas.

5.2 Contribuições de Bell Hooks

A relação do autismo com o trabalho de Bell Hooks pode ser encontrada em diversas dimensões que ultrapassam apenas o campo individual e afetivo, alcançando também as esferas sociais, políticas e culturais. A autora aborda a importância do amor, da justiça social e do autoconhecimento como pilares fundamentais para a construção de uma vida mais justa e inclusiva. Em que ressoa de maneira profunda com a experiência das pessoas autistas, que enfrentam muitas vezes a invisibilidade social e a marginalização. A luta pela garantia de direitos, pela validação de suas necessidades e pelo reconhecimento de suas contribuições na sociedade dialoga diretamente com a noção de amor como prática transformadora, proposta por bell hooks.

A melhor definição de amor é aquela que nos faz pensar o amor como ação...Uma das contribuições fundamentais trazidas por bell hooks é nos fazer pensar que são as ações que constroem os sentimentos. Dessa maneira, ao pensar o amor como ação, nos vemos obrigados a assumir a responsabilidade e o comprometimento. (Tudo sobre o amor- Bell Hooks, p. 12 e 13).

Para Bell Hooks, o amor é uma ação que visa o crescimento de si e daqueles que Amamos. Engajar-se na luta por justiça social pode ser uma perspectiva amorosa, como foi realizado no movimento das famílias de pessoas autistas no Brasil, sobretudo a partir da década de 1980. Em encontros nacionais e mobilizações locais, mães e pais se organizaram para reivindicar políticas públicas adequadas, espaços de acolhimento e reconhecimento da condição autista. Foi nesse cenário que surgiram instituições

pioneiras, como a Associação de Amigos dos Autistas (AMA), fundada em São Paulo em 1983, a Associação de Pais de Autistas do Rio de Janeiro (APARJ), em 1985, e a Associação Terapêutica Educacional para Crianças Autistas (ASTECA), no Distrito Federal, em 1986. Essas iniciativas representaram não apenas estratégias de luta por direitos, mas também práticas de amor coletivo.

Outro ponto crucial destacado por Bell Hooks é a importância das lições de amor na infância. Para a autora, é nesse período que aprendemos nossos primeiros referenciais afetivos e éticos. No entanto, a influência do patriarcado e da dominação masculina impõe limites à experiência do amor verdadeiro, pois reproduz estruturas de violência, controle e silenciamento sobre mulheres e crianças.

Quando aplicamos essa reflexão ao contexto das crianças autistas, percebemos que a negligência, a ausência de políticas inclusivas, a falta de acessibilidade e o preconceito estrutural funcionam como formas de violência simbólica e institucional que negam a essas crianças a oportunidade de experimentar o amor em sua forma mais plena.

A necessidade de valorizar, respeitar e assegurar os direitos civis básicos das crianças. Caso contrário, a maioria delas não conhecerá o amor, tendo em vista que não existe amor sem justiça. (Tudo sobre o amor- Bell Hooks, p. 13).

Para Bell Hooks, a família é uma esfera institucionalizada, que tende a ser facilmente autocrática e fascista. E se queremos ter uma sociedade eticamente amorosa, precisamos desmarcar o mito do abuso e negligência. Pois não podemos concordar que a punição severa seja uma forma aceitável para se relacionar com a criança. O amor se faz com responsabilidade, e é nossa responsabilidade proporcionar o amor à criança, garantir e lutar pelos seus direitos, sejam estes típicos ou atípicos.

5.3 A arte como Desvelamento em Martin Heidegger

Segundo Martin Heidegger, a arte não deve ser compreendida apenas como uma dimensão estética ou ornamental, mas como um modo de revelar a verdade do ser. Esse pensamento se torna especialmente relevante ao refletirmos sobre as experiências de pessoas autistas. No qual, muitas vezes, a comunicação verbal tradicional é marcada por códigos sociais implícitos, entrelinhas, metáforas complexas e regras não ditas, não consegue traduzir plenamente a riqueza e a profundidade da experiência interior de quem está no espectro. Assim, a arte surge como um canal que transcende as barreiras impostas pela linguagem comum, permitindo formas de expressão mais livres, plurais e significativas.

A essência do ser humano é o ser humano como lugar do acontecer poético-apropriante desde o apelo destinal. No ser o lugar do acontecer deste apelo, é que o ser homem chega propriamente ao seu ser, isto é, ao humano, neste sentido toda obra de arte como lugar da verdade diz respeito ao lugar do humano como obra-de-arte, isto é, como desvelar do humano. (A Origem da Obra de Arte- Martin Heidegger p.11)

Nesse sentido, a arte possibilita o que Heidegger denomina de desocultamento, ou seja, o ato de trazer à luz aspectos da existência que estavam encobertos ou invisíveis. Esse desvelar pode representar não apenas um exercício criativo, mas também uma forma autêntica de mostrar ao mundo sua subjetividade, seus modos singulares de perceber e sentir a realidade. Através das práticas artísticas, as pessoas autistas podem comunicar sua verdade de maneira mais genuína do que em qualquer diálogo convencional, rompendo com os limites da linguagem e encontrando um espaço de afirmação de sua identidade. Desse modo, a arte deixa de ser apenas uma atividade

complementar e passa a ser compreendida como um caminho existencial de expressão, inclusão e reconhecimento social.

Um dos grandes meios que podem ajudar as pessoas autistas a enfrentar seus desafios na interação social e na adaptação aos diferentes ambientes é a arte, que desempenha um papel fundamental ao contribuir para as variadas formas de percepção, expressão e comunicação desses indivíduos. A arte possibilita que cada pessoa explore seus próprios modos de expressão, sem se prender às limitações da linguagem verbal tradicional. Principalmente aqueles que possuem maiores dificuldades na comunicação oral encontram, no desenho, na música, na dança, no teatro, na modelagem e na pintura, recursos eficazes para expressar sentimentos, organizar pensamentos e compartilhar suas experiências com os outros de maneira legítima e autêntica.

A arte, por meio da arteterapia, atua como um recurso terapêutico valioso e um poderoso facilitador na inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Permitindo assim que esses indivíduos expressem suas emoções, pensamentos e necessidades difíceis de verbalizar. No qual é uma linguagem alternativa cuja proposta é interligar o mundo interno e externo da pessoa, contribuindo para o bem-estar físico, mental e emocional. A arte-terapia é realizada com terapeuta que atua de forma individual, estimulando e ampliando diferentes habilidades de uma forma confortável e de maneira mais eficaz que a linguagem falada. As sessões são feitas de forma regular, ajudando a pessoa autista na escola e em casa, proporcionando melhor interação com os colegas, familiares e facilitando a construção da autoconfiança e controle das emoções.

A arteterapia é uma terapia voltada para todas as idades de pessoas que apresentam ou não autismo. Embora os estudos evidenciem a arteterapia na infância, esta também pode gerar ganhos significativos para o desenvolvimento dos adultos. Através das expressões artísticas, espontâneas, autênticas e livres, as pessoas podem vivenciar um novo olhar para si, reconectando-se com seus sentimentos, emoções, anseios e desejos. Utilizando assim, de canais criativos, lúdicos, imaginários e prazerosos, no qual possa construir um vínculo de confiança e respeito, entre o paciente e o terapeuta.

6. Análise dos Dados

Os dados do Censo de 2022 indicaram que cerca de 2,4 milhões de pessoas foram diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil, com prevalência significativamente maior entre os homens. Esses números representam a grande escala que inclui o TEA como categoria específica, o que por si só já evidencia um avanço na compreensão demográfica do autismo no país. No entanto, a leitura crítica desses dados revela desafios importantes.

Embora o TEA seja um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta desde a infância, a compreensão de suas manifestações ao longo da vida e, especialmente, na fase adulta, ainda é limitada. O próprio Censo evidencia indiretamente essa lacuna: a maior parte dos diagnósticos registrados pertence às faixas etárias mais jovens, refletindo o fato de que o investimento acadêmico, clínico e de políticas públicas no Brasil ainda está fortemente concentrado na infância. Essa tendência reforça a invisibilidade dos adultos autistas, que permanecem sem diagnóstico ou passam por grande parte da vida sem compreensão adequada de suas necessidades.

Um dos principais fatores que contribuem para esse cenário é a camuflagem de sintomas, prática na qual adultos desenvolvem estratégias conscientes ou inconscientes de compensação e adaptação social. Essa tendência faz com que muitos indivíduos se

enquadrem em trajetórias aparentemente típicas, mascarando dificuldades significativas na comunicação, interação e regulação emocional. Assim, embora o Censo registre 2,4 milhões de diagnósticos, é altamente provável que o número real de adultos autistas no Brasil seja substancialmente maior, indicando um quadro de subnotificação nacional.

Outro ponto importante diz respeito à formação insuficiente de profissionais de saúde, sobretudo aqueles que atuam com o público adulto. Ainda que instrumentos diagnósticos validados estejam disponíveis, sua aplicação requer capacitação especializada. Muitos clínicos receberam formação focada na infância e no modelo tradicional do autismo “clássico”, resultando em menor sensibilidade para identificar apresentações mais sutis, em diferentes níveis de suporte voltados a pessoas com TEA.

Além dos aspectos técnicos, o estigma social em torno da condição autista permanece um fator limitante. A falta de compreensão sobre o espectro, associada a padrões culturais que valorizam a produtividade, a comunicação rápida e a flexibilidade comportamental, contribui para anos de sofrimento emocional, fracasso escolar, rupturas profissionais e isolamento social. Muitos adultos só chegam ao diagnóstico após episódios de burnout, depressão profunda ou crises intensas de ansiedade, sintomas que poderiam ser prevenidos por avaliações precoces e intervenções adequadas.

As limitações dos dados também devem ser consideradas, pois o Censo não distingue níveis de suporte, não detalha condições associadas (como TDAH, dificuldades sensoriais ou dispraxia), não identifica perfis de camuflagem e não diferencia diagnósticos formais daqueles autodeclarados. Isso reduz a possibilidade de análises mais refinadas e impede uma compreensão completa do impacto do TEA nas trajetórias de vida adulta.

Em síntese, a análise crítica dos dados do Censo de 2022 revela avanços importantes, mas expõe também uma realidade marcada por lacunas severas, subnotificação e desigualdade no acesso ao diagnóstico. Reconhecer essas limitações é essencial para orientar políticas públicas, aprimorar práticas clínicas e construir uma sociedade mais inclusiva, que compreenda e acolha a diversidade de trajetórias vividas por adultos autistas no Brasil.

7. Limitações e Futuras Pesquisas

A predominância quase absoluta de estudos sobre autismo infantil influencia de maneira direta as limitações desta pesquisa e, de forma mais ampla, as limitações da produção científica sobre o tema. O aparato científico, incluindo políticas públicas, financiamento acadêmico e formação profissional, continua majoritariamente voltado para a infância, o que faz com que as metodologias de coleta e análise de dados não capturem, de forma robusta, a experiência do autismo na vida adulta.

Essa lacuna gera um ciclo vicioso, em que pouca pesquisa produz pouca identificação, o que resulta em baixa visibilidade estatística, levando à redução de investimentos públicos, reforçando ainda mais a desigualdade de acesso ao diagnóstico, ao tratamento e à compreensão social do TEA adulto.

Além disso, há limitações importantes nos instrumentos diagnósticos amplamente utilizados. Nos quais muitos deles foram construídos com base em populações infantis ou em modelos tradicionais de autismo, que não contemplam dimensões para o perfil de diagnóstico em adultos. Diante desse cenário, torna-se evidente a urgência de fortalecer práticas diagnósticas, terapêuticas, políticas voltadas ao público adulto, estudos longitudinais que evidenciem o acompanhamento de indivíduos desde a

infância até a vida adulta, pesquisas sobre autismo tardio e envelhecimento, camuflagem e compensação social em adultos e saúde mental para adultos com TEA.

8. Considerações Finais

O presente estudo evidenciou que o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida adulta resulta de uma combinação de fatores estruturais, clínicos e sociais, entre eles a falta de informação, a formação profissional centrada na infância, a escassez de instrumentos diagnósticos adequados para adultos e as estratégias de camuflagem frequentemente utilizadas por indivíduos autistas ao longo da vida. Essa conjuntura contribuiu para a invisibilidade de adultos no espectro e para o atraso no acesso a cuidados especializados, ampliando sofrimentos emocionais, dificuldades sociais e rupturas acadêmicas e profissionais. Esses achados permitiram analisar de maneira consistente os principais fatores que dificultam o diagnóstico do TEA na vida adulta, correspondendo aos objetivos específicos da pesquisa.

As contribuições teóricas de Bell Hooks, Zygmunt Bauman e Martin Heidegger ampliaram a discussão ao oferecerem perspectivas éticas, sociológicas e existenciais relevantes para a compreensão da experiência autista. A reflexão sobre justiça social, instabilidade da modernidade líquida e expressão artística como desvelamento permitiu integrar aspectos clínicos, sociais e subjetivos que atravessam a vida de adultos autistas. Além disso, observou-se que a arte e a arteterapia constituem recursos importantes para favorecer comunicação, expressão emocional e inclusão. Essas análises também possibilitaram aprofundar a compreensão dos conceitos centrais relacionados ao autismo, sua evolução histórica e suas diversas formas de manifestação ao longo da vida, atendendo ao objetivo de contextualização conceitual.

A análise dos dados do Censo de 2022 revelou avanços no reconhecimento estatístico do TEA no Brasil, mas também evidenciou lacunas significativas, especialmente no que diz respeito à identificação de adultos. A subnotificação e a ausência de informações detalhadas sobre níveis de suporte, comorbidades e perfis de camuflagem demonstram a necessidade de aprimorar metodologias e ampliar pesquisas voltadas à fase adulta. Esses elementos reforçaram a identificação dos sinais e características do TEA que podem permanecer sutis ou mascarados até a vida adulta, outro objetivo específico da investigação.

Diante desse cenário, destaca-se a urgência de políticas públicas específicas, formação continuada de profissionais, ampliação do acesso ao diagnóstico multiprofissional e incentivo à pesquisa científica que contemple o ciclo de vida adulto e o envelhecimento autista. Apenas com investimentos estruturais e práticas clínicas qualificadas será possível promover equidade, reduzir estigmas e garantir condições dignas de cuidado, participação social e reconhecimento da neurodiversidade como parte fundamental da experiência humana. Além disso, ao reunir evidências sobre recomendações terapêuticas e estratégias de intervenção multidisciplinares, o estudo também alcançou o objetivo de identificar as formas de tratamento mais adequadas para adultos autistas. Assim, conclui-se que todos os objetivos específicos propostos foram atendidos ao longo da pesquisa.

Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. Editora IBGE, 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil. Acesso em: 21 jun. 2025.

ALVES, Hellen. O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na Fase Adulta. *ID on line – Revista de Psicologia*. Disponível em:

<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3964>. Acesso em: 27 jun. 2025.

AUTISMO EM DIA. Arteterapia: quando a arte faz parte do tratamento do autismo.

Disponível em: <https://blog.autismoemdia.com.br/blog/arteterapia-quando-a-arte-faz-parte-do-tratamento-do-autismo/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BARCELOS, Kaio. Contribuições da análise do comportamento aplicado para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. *Brazilian Journal of Development*, 2020. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/11620>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/96724526/Zygmunt_Bauman_Tempos_liquidos. Acesso em: 25 jun. 2025.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. *Mentes únicas*. São Paulo: Editora Gente, 2019.

CESCONETO, Ednéia et al. *Autismo na Idade Adulta: O lado escuro do Espectro*. Faculdade Multivix, 2024. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2024/09/AUTISMO-NA-IDADE-ADULTA-O-LADO-ESCURO-DO-ESPECTRO-VERSAO-FINAL-REVISADA.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CORDEIRO, Erika. *Análise do Comportamento Aplicada e sua importância no treinamento de pais de crianças com TEA*. Disponível em:

<https://www.cursosprofec.com.br/escola/apostilas/analise-do-comportamento-aplicada-ao-autismo-aba-pfc-2.pdf> Acesso em: 27 jun. 2025.

DSM-5-TR – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 5. ed. American Psychiatric Association, 2022. Disponível em:

https://www.academia.edu/96657644/DSM_5_Atualizado_Portugu%C3%AAs_DSM_5_TR_American_Psychiatric_Association Acesso em: 15 jun. 2025.

FABRETTI, Julia. Transtorno do Espectro Autista: População Idosa. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 2024. Disponível em:

<https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1394>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. O cérebro autista. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2018.

HEIDEGGER, Martin. A Origem da Obra de Arte. Edição Bilingue, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/797223224/Martin-Heidegger-A-origem-da-obra-de-arte-Edicao-Bilingue-Edicoes-70-2010>. Acesso em: 25 jun. 2025.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor. Edição Tadeu Breda. Editora Elefante. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/64678e9a8c89c82dc2d6ee59/t/6553771d50db4c43d684f934/1699968801081/tudo-sobre-o-amor-bell-hooks.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

ISTOÉ. Dia Mundial da Conscientização do Autismo: 7 famosos que são portadores do transtorno. Disponível em: <https://istoe.com.br/dia-mundial-da-conscientizacao-do-autismo-7-famosos-que-sao-portadores-do-transtorno>. Acesso em: 23 nov. 2025.

NALIN, Luísa et al. Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos. *Research, Society and Development*, 2022. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38175>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ONDA AUTISMOS. Arteterapia no autismo. Disponível em:

<https://ondaautismos.com.br/blog/arteterapia>. Acesso em: 23 nov. 2025.

PSITTO. Autismo em adultos: como identificar, diagnosticar e lidar diariamente.

Disponível em: <https://www.psitto.com.br/blog/autismo-adulto/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ROCHA, Pablo Almeida et al. O impacto da camuflagem social no diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 24, n. 6, p. 1–7, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e16579.2024>.

RONZANI, Letícia et al. Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista do Adulto: Armadilhas e Dificuldades Diagnósticas. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*. Disponível em: <https://revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/778>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SANTOS, Lilian et al. O diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista na vida adulta: uma revisão integrativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e*

Educação, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17401>.

Acesso em: 27 jun. 2015.

WHITMAN, Thomas. O desenvolvimento do autismo. São Paulo: M-Books do Brasil Editora Ltda., 2015.

WILLIAMS, Chris; WRIGHT, Barry. Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2008.